

# O TRABALHO E A MODERNIDADE NA CIDADE DE NOVO HAMBURGO SEGUNDO O JORNAL O 5 DE ABRIL

## *Work and modernity in the city of Novo Hamburgo through the newspaper O 5 de Abril*

Emerson Ranieri Santos Kuhn\*

Luiz Antonio Gloger Maroneze\*\*

### RESUMO

O presente artigo aborda a criação e a propagação de elementos identitários modernos, no primeiro ano de emancipação de Novo Hamburgo, a partir do jornal *O 5 de Abril*. Analisar esse período auxilia na compreensão da formação do discurso cidadão que marcou o desenvolvimento da cidade em face do cenário regional ao longo do século XX. Para isso utilizamos o método *análise de conteúdo* sobre as edições publicadas entre maio de 1927 e maio de 1928, analisando os eventos publicados pelo jornal que fundamentam o discurso local baseado no trabalho e no progresso urbano, exemplificando, dessa forma, o imaginário sobre a cidade.

**Palavras-chave:** Cidade. Imaginário. Jornalismo.

---

\* Licenciado em História. Mestrando em Processos e Manifestações Culturais pela Federação de Estabelecimentos de ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale). Trabalha principalmente com a relação discurso, imaginário e identidades, a partir de textos presentes em jornais e crônicas. *E-mail:* emer.gattuso@hotmail.com

\*\* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisador, professor adjunto em cursos de graduação e no PPG em Processos e Manifestações Culturais da Feevale, trabalhando principalmente com questões ligadas às cidade e aos discursos. *E-mail:* luizmaroneze@feevale.br

Revisão Técnica e Ortográfica: Nataly Fernandes Costa

Data da submetido: 30/3/2016

Data da aprovação: 13/6/2016

## ABSTRACT

This article discusses the creation and spread of modern identity elements, the first year of emancipation of Novo Hamburgo, from the newspaper *O 5 de Abril*. Analyzing this period helps understanding the creation of the city speech that marked the development of the city face to the regional scenario throughout the twentieth century. For this purpose, the method of *content analysis* will be used to check the issues published between May 1927 and May 1928, analyzing the events published by the newspaper which underlie the local speech based on work and urban progress, thus illustrating the imagery of the city.

**Keywords:** City. Imagery. Journalism.

## Introdução

O presente artigo aborda a forma como a modernidade foi interpretada e publicada pelo jornal *O 5 de Abril* na cidade de Novo Hamburgo, no período de maio de 1927 a maio de 1928.

Tal período corresponde às primeiras 53 edições do jornal referido, bem como ao primeiro ano da cidade como local emancipado. A análise desse período específico ajuda a compreender elementos relevantes do discurso moderno que foi criado e afirmado pelo jornal, tornando-se parte constituinte do imaginário local, que seria constantemente publicado ao longo de todas as suas edições. Com isso, analisamos o papel do *O 5 de Abril* na constituição simbólica da cidade de Novo Hamburgo, pois é na cidade que ocorreram as principais mudanças estruturais e comportamentais modernas. Utilizamos o método *análise de conteúdo*, que se configura como uma técnica de interpretação do conteúdo de todos os tipos de documento, o que possibilita inúmeras abordagens sobre os fenômenos da vida social, os quais, em outras perspectivas, poderiam ser inacessíveis. (BARDIN, 1977).

Aplicamos essa metodologia em 53 edições, publicadas entre 5 de maio de 1927 e 5 de maio de 1928. Nesse processo encontramos e analisamos 38 eventos publicados pelo jornal *O 5 de Abril*, que demonstravam a concepção do jornal referente à modernidade, baseando seus argumentos no trabalho e no progresso. Esses eventos, quase exclusivamente, eram publicados na forma de grandes matérias exibidas na primeira página do jornal, demonstrando a importância dada à afirmação dos elementos identitários, normalmente associados à concepção local de modernidade.

Devido à visibilidade dada pelo jornal a esses eventos, o método *análise de conteúdo* foi aplicado sob a perspectiva da finalidade do discurso, focando, dessa forma, os prováveis objetivos do jornal para com o desenvolvimento da cidade e a visão de modernidade baseada no trabalho e no progresso urbano.

## A modernidade

A modernidade está constantemente associada à ideia de progresso, concepção que surgiu a partir do século XVII e se consolidou no século XIX. (DUPAS, 2006). Contudo, no século XX, muito se discutiu sobre essas concepções e mais ainda sobre o conceito de modernidade:

Grandes pensadores debruçaram-se sobre o tema da modernidade, desde Marx – tudo que é sólido desmancha no ar – e Weber – a modernidade desencantou o mundo – passando pela Escola de Frankfurt (Adorno, Benjamin, Horkheimer) – que, em pleno nazismo e stalinismo, tentava, ancorada em Weber, conciliar Freud e Marx. Seu atual herdeiro – Habermas – sustenta que a modernidade é um processo ainda incompleto, o que não o impede de afirmar que o trabalho perdeu a centralidade no mundo de hoje, que não é mais explicável pelo paradigma da produção. Grande impacto tiveram as teorias da estruturação, reflexividade e alta modernidade (Anthony Giddens), da sociedade de risco (Ulrich Beck), do capitalismo desorganizado (Claus Offe, Lash & Urry), da acumulação flexível pós-fordista (David Harvey e outros), etc. (VIEIRA, 2002, p. 208).

A modernidade é algo em constante discussão, tendo várias visões teóricas e historiográficas que se complementam e, por vezes, se contrapõem, mas dificilmente se esgotam. Encontramos nesses trabalhos a compreensão de que o mundo, a partir do século XIX e da consolidação da Segunda Revolução Industrial, entrou fortemente em uma lógica desenvolvimentista, principalmente ligada a descobertas científicas e reformulações filosóficas. Muito se discute sobre os marcos da modernidade: seu início, sua consolidação. O mesmo acontece com a questão do conceito de moderno: O que é ser moderno? O que é moderno? (BERMAN, 1986). Para analisar essas questões conceituais, utilizamos a concepção de que a síntese do conceito de modernidade e de moderno configura-se como o *ser* e o *estar* “em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. (BERMAN, 1986, p. 15). Através disso, percebemos que tanto a modernidade quanto o conceito de moderno são representados por

concepções de uma sociedade que se encontra em mutação, principalmente através da consolidação do capitalismo e das criações, expansões e rupturas dos modelos perceptíveis de mundo que até então eram estáticos. Em suma, a história contemporânea e a modernidade são marcadas e construídas

pela sucessão de sistemas mundiais intercalados por fases de transição e configuração de novas lideranças. Estas, por sua vez, encontram-se apoiadas nos paradigmas econômicos, sociais e tecnológicos de cada modelo de produção e acumulação. Assim, de 1776 a 1890 a *Pax Britanica* foi embasada no liberalismo e na Primeira Revolução Industrial. Mas o advento da Segunda Revolução Industrial, desde os anos de 1870, bem como de novos países competidores e do paradigma fordista levam ao desgaste da hegemonia inglesa, abrindo-se a partir de 1890 uma fase de crise e transição, marcada pelo acirramento do imperialismo, por duas guerras mundiais, por uma grande depressão de alcance planetário e pela emergência do fascismo. (VIZENTINI, 2007, p. 7-8).

Essa configuração de mundo é um ambiente em constante transformação e aventura, que a tudo ameaça e reconstrói. Neste artigo, a modernidade é analisada como o período histórico e o modo de vida compreendido entre os séculos XIX e XX, que, além de terem abrigado todos os acontecimentos já citados, observaram também a

explosão demográfica, [...] rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; [...] enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante em permanente expansão. (BERMAN, 1985, p. 16).

Todos esses fatores compreendem, principalmente, cidades na Europa, mas que, através de determinado modelo socioeconômico e de concepção de urbano, abarcam outras regiões do Globo. A modernidade é interpretada como forças e sistemas que levaram locais distintos a adotarem mentalidades, códigos identitários e uma maneira de pensar baseada no progresso e nas ações modernas, derivados de modelos de produção, de mecanização da produção e do aumento de mercadorias.

Com isso, a modernidade atua principalmente na cidade, pois é ela que acaba sentindo fortemente a reconfiguração do espaço a partir das novas formas de ver e agir no mundo, tornando-se o centro efervescente do pensamento moderno.

Com base nisso, analisaremos o jornal *O 5 de Abril* entre 6 maio de 1297 e 6 de maio de 1928, para identificar elementos modernos na concepção do discurso presente nesse meio de comunicação para com o Município de Novo Hamburgo, que se tornou independente em 5 de abril de 1927, constituindo-se como cidade dentro do período da modernidade e de seus ideais.

Novo Hamburgo é um município localizado no Vale do Rio dos Sinos, que tem por origem fundadora a colonização alemã do século XIX. Nesse período, a localidade era conhecida como *Hamburg Berg* e constituía o Segundo Distrito do Município de São Leopoldo. O início dessas teuto-povoações no Sul do Brasil deu-se em vista de a imigração de alemães para o território brasileiro ter sido um projeto geral do Império nacional, visando a atender às necessidades políticas, econômicas e sociais da época. Na região de São Leopoldo, esses imigrantes deveriam instalar-se com a finalidade de povoar e demarcar novas terras para produção e colonização efetiva. (KONRATH, 2009). Após a instalação em território brasileiro e a constituição do povoamento de *Hamburg Berg*, ocorreu um fator que colocou a localidade em contato com a modernidade em ascensão no mundo.

Esse fator rumo à modernidade foi, segundo um membro da elite local, a instalação de um

ramo próspero e que caracterizaria toda a modernização e industrialização do futuro município, sendo o da utilização do couro para a fabricação de peças de montaria. Nicolau Becker, industrial e comerciante, estabeleceu-se em 1857, construindo curtume e selaria. O couro também era utilizado para a confecção de chinelos e sapatos com solas de madeira, feitos manualmente, o que deu origem à figura do “sapateiro”. (PETRY, 1963, p. 13).

Devido a essa atividade, criou-se o embrião que fundamentaria a indústria local nos anos seguintes, baseado na concepção de produtos manufaturados a partir do couro e da criação de sapatos. A instalação de inúmeras atividades básicas e ascensoristas da produção e concepção de calçados, aliada a uma divisão social do trabalho, transformou a localidade em um aglomerado produtivo desenvolvido, apresentando, ao longo do século XX, uma consolidada estrutura manufatureira de bens de consumo na região do Vale do Rio dos Sinos. (COSTA; PASSOS, 2004).

Com as bases da indústria coureiro-calçadista estabelecidas nos primeiros anos de 1900, a Vila de *Hamburg Berg* cresceu economicamente, fortalecendo uma elite local baseada em donos de empresas e políticos, que solicitavam maiores investimentos estruturais para o município-sede, pois a indústria local em ascensão necessitava de melhores condições para aumentar a produção. (SCHEMES, 2006). Contudo, melhorias estruturais como a abertura de novas ruas e manutenção das já existentes não estavam ocorrendo, e, por esse motivo, a elite local fortalecida economicamente criou uma comissão pró-emancipação, que teve como principais figuras seis personagens.

Dois nomes obtêm maior representatividade inicial (SCHEMES, 2006), sendo eles Pedro Adams Filho, empresário do ramo calçadista, que, tendo criado inúmeras empresas, inclusive no setor de abastecimento de energia, também proporcionou a “instalação da primeira empresa em bases modernas que tinha como objetivo a racionalidade da produção”. (SCHEMES, 2005, p. 17). O outro homem destacado pela autora era Jacob Kroeff Netto, advogado formado na primeira turma de Direito da Faculdade de Porto Alegre, eleito deputado estadual em 1904 e atuante no cargo até 1929.

Os quatro indivíduos que completam a frente da comissão pró-emancipação eram empresários calçadistas, políticos ou detentores de cargos de elevada importância dentro do distrito, sendo eles:

*Leopoldo Petry*, que assumiu em 1917 o cargo de secretário da Intendência Municipal de São Leopoldo, permanecendo até 1923. Mais tarde foi coletor estadual de Novo Hamburgo até 1927, quando iniciou sua carreira política ao ser eleito intendente da cidade de Novo Hamburgo; cargo que manteve até 1930, quando foi preso por alguns dias por não aderir à Frente Única, que era muito forte na região. Em 1931, foi nomeado ajudante do Cartório de Notas e Registro de Imóveis de Novo Hamburgo e aposentou-se na função de titular. Foi presidente da comissão executiva do Partido Republicano, ao qual era filiado. Era, também, escritor e jornalista;

*André Kilpp*, que era major do Exército, coletor federal e membro do Partido Republicano. Passou a residir em Novo Hamburgo após seu casamento;

*Júlio Kunz*, que foi o empresário que instalou a primeira empresa de formas na cidade, destacou-se nas artes, principalmente na música. Foi membro do Partido Republicano, e por mais de 20 anos foi subintendente de Hamburg Velho. De 1920 a 1924 foi membro do Conselho Municipal de São Leopoldo;

*José João Martins*, filho de um marinheiro alemão emigrado, foi um dos principais líderes dos libertadores da cidade, até tornar-se republicano em 1924 e ser escolhido como presidente da Comissão

pró-vilamento de Novo Hamburgo. Trabalhou em diversas fábricas de calçados, entre elas a de Pedro Adams Filho. Em 1906 abriu a sua empresa. Também foi diretor da Energia Elétrica Hamburguesa;

*Carlos Dienstbach*, que era professor e foi subintendente de Novo Hamburgo por duas gestões, quando a cidade ainda era localidade de São Leopoldo, e também foi subintendente de Sapiranga. Foi nomeado escrivão do 1º Cartório Civil de Novo Hamburgo. (JORNAL NH, 5 de abril de 2002, p. 4).

Esses homens, em sendo representantes da comissão, pressionaram tanto o município-sede quanto o governo estadual para a criação de novo município ao longo de quase dez anos. Esse processo deu-se por encerrado no dia 5 de abril de 1927, quando o gabinete do presidente estadual comunicou ao presidente da Comissão Pró-Emancipação, sr. José João Martins, através de telegrama, o seguinte

Sr. José João Martins, presidente, e demais membros – Comissão Pró-Villamento – Novo Hamburgo. Foi assignado hoje o decreto no. 3818 criando o município Novo Hamburgo pt Por outro decreto foi nomeado dr. Jacob Kroeff Netto seu primeiro intendente provisório pt Congratulações bons amigos afectuosas saudações. (JORNAL NH, 5 de abril de 2005, p. 5).

Esse comunicado foi recebido com grande festa, promovida pela Comissão Pró-Emancipação que “assumiu as principais despesas com churrasco, música e foguetes, e as demais foram divididas por empresas, bancos e moradores da cidade, que fizeram mais de 150 doações”. (SCHEMES, 2006, p. 294). Nesse cenário de luta política e ideais modernos, fundou-se o Município de Novo Hamburgo. Foi muito relevante o papel dos empresários na luta pela conquista da autonomia do município, pois eles assumiram as representações da cidade para si, ou seja, criaram os meios para propagar o que idealizavam para o futuro da cidade, tão cara aos seus ideais e aos discursos modernos.

O movimento emancipacionista de Novo Hamburgo pode ser considerado a primeira iniciativa da formação de uma identidade para a cidade, pois foi a série de acontecimentos relacionados à emancipação que fez com que a comunidade sentisse a necessidade de afirmar-se em contraposição ao município sede, São Leopoldo. (SCHEMES, 2006, p. 310).

A elite que esteve à frente da emancipação assumiu a intendência provisória através da figura de Jacob Kroeff Netto; também foi desse grupo o primeiro intendente municipal eleito por voto, Leopoldo Petry. Esses homens tiveram como uma das primeiras medidas tomadas após a criação do Município de Novo Hamburgo, a criação de um jornal local para representar e propagar seu ideário. Com essa medida, o grupo emancipacionista começava a demonstrar que a cidade recém-concebida estava alinhando-se à modernidade.

Esse jornal, como fonte histórica, nos ajuda a entender e abordar qual era o discurso que permeava os meios sociais influentes do município emergente na constituição da cidade. Principalmente porque, nas duas primeiras décadas do século XX, a imprensa brasileira desempenhava um papel fundamental nas cidades emergentes modernas, pois

a nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de seleção. (LUCA, 2001, p. 137).

Contudo, precisamos compreender como estava formatada essa ferramenta midiática. O jornal surgiu conjuntamente com a emancipação, porém foi publicado pela primeira vez em 6 de maio de 1927, ou seja, um mês após o acontecido e foi batizado como uma homenagem a esse fato, recebendo o nome de *O 5 de Abril*.

Basicamente, *O 5 de Abril* foi publicado inicialmente por dois homens, Leopoldo Petry, um dos líderes emancipacionistas, como editor-chefe, e Hans Behrend, dono da tipografia onde o jornal era produzido. Hans era tipógrafo e foi mais um imigrante vindo da Alemanha para a Região Sul do Brasil, possuindo conhecimentos técnicos e profissão específica ligada a fatores modernos.

O jornal era publicado sempre às sextas-feiras, tornando-se o primeiro meio de comunicação impresso próprio da nova cidade. Circulou durante 35 anos, até 1962, atingindo a marca de 1811 edições, sendo que, nos primeiros meses de circulação, contava com quatro páginas e uma tiragem variável de 200 a 300 exemplares. (BRAGANÇA; RIBEIRO, 2004). Esse número era significativo para a cidade, que contava com uma população aproximada de 8.500 habitantes, na qual muitos eram analfabetos ou



conheciam apenas a língua materna alemã. Isso se configura como um fato relevante, pois, apesar de o jornal ter sido criado em uma cidade onde a maioria dos moradores era de origem germânica, ele era publicado exclusivamente em português, salvo alguns poucos anúncios que eram divulgados na língua alemã.

Graficamente, nas primeiras edições, o jornal *O 5 de Abril* apresentava-se com quatro páginas. O topo da primeira página trazia o nome do jornal, um aviso de que seria publicado apenas às sextas-feiras e que era um semanário de interesses gerais, destacando que sua produção era realizada na tipografia de Hans Behrend. Seguindo a descrição, a primeira página esboçava geralmente três seções e quatro colunas, destacando a primeira matéria, que trazia argumentos identitários de como era (ou de como devia ser) o cidadão hamburguense. A segunda matéria englobava acontecimentos da cidade, como reuniões do Conselho Municipal; a terceira matéria ocupava a parte inferior da página e dividia seu espaço com publicações de romances, na forma de um capítulo por edição, e notícias compradas de jornais do centro do País.

A segunda página trazia uma notícia de cunho informativo, baseada no cotidiano hamburguense. Tomamos como cotidiano a perspectiva da vida do homem como um todo, englobando e significando suas várias atividades diárias, como: trabalho, lazer, sociabilidades, vida privada, etc. (HELLER, 2000). Essa página com informações cotidianas contava com três seções fixas, na forma de um editorial que, por vezes, se transformava em crônica; na seção “Noticiário”, que escrevia sobre serviços disponíveis, assim como notícias de ordem política, econômica, esportiva e notas policiais; e a última seção era a chamada “Notas Sociais”, que, por sua vez, informava os acontecimentos culturais da cidade na forma de encontros culturais, filmes, concertos musicais e peças de teatro, bem como aniversários, casamentos e festejos populares.

A terceira página possuía apenas três colunas, que compreendiam editais da Intendência Municipal ou do Estado e anúncios de empresas e serviços dentro do próprio Município de Novo Hamburgo.

Já na quarta página, havia apenas um tipo de evento, por isso era composta exclusivamente de anúncios de empresas e serviços locais, desde a informação de produtos encontrados em lojas do município até ofertas de empregos em empresas novas e antigas.

Em resumo, encontramos presentes no jornal *O 5 de Abril* quatro páginas que assim se configuram: 1) por concentrar notícias de destaque para a cidade, 2) por informar eventos importantes para o cotidiano do cidadão, 3) e 4) por informar editais e anúncios relevantes à oferta de produtos e serviços na cidade de Novo Hamburgo. O jornal com essa configuração era mantido por homens pertencentes à elite social local.

Seguindo esse pensamento, verificamos que o jornal “O 5 de Abril” conseguiu se firmar como mediador entre as ideias de um grupo de emancipacionistas e grande parte da população alfabetizada do município, devido tanto à sua hegemonia, quanto pela escolha dos seus redatores. Os colaboradores eram representantes do governo e da comunidade. Os assuntos abordados tratavam de avisos para a comunidade, colunas opinativas e anúncios do comércio local, que começara a crescer junto com a cidade, ou seja, todos tinham um motivo para ler o “cinquinho”, nome carinhoso dado ao semanário pela comunidade. (PRODANOV; PUHL; KERBER, 2007, p. 3).

O jornal *O 5 de Abril* se fazia presente na cidade e pretendia assumir uma vinculação direta com a identidade de Novo Hamburgo (elemento já perceptível no nome do mesmo). (PRODANOV; PUHL; KERBER, 2007, p. 10). Essa ideologia presente no jornal e em seus editores fez com que *O 5 de Abril* assumisse para si a responsabilidade de compor e expor o projeto moderno que Novo Hamburgo deveria assumir.

O jornal parece ter sido criado como um instrumento voltado para a consolidação simbólica da nova ordem das coisas, como um organizador do imaginário local. Diferentemente dos tradicionais panfletos que lutam por mudanças, abolições e revoluções, esse jornal aparece *post facto* para compor o discurso cultural de Novo Hamburgo; surge como um instrumento simbólico para ordenar o projeto da cidade: a nova realidade cria a necessidade de um veículo de informação próprio, uma marca distintiva e uma forma de legitimação para a nova comunidade. (SCHEMES; MARONEZE; KUHN JUNIOR, 2013, p. 37).

O semanário *O 5 de Abril* estava em consonância com as ideologias jornalísticas da época, que demonstravam, através de suas páginas, o intuito de “transformar o povo em cidadãos conscientes e ordeiros. Em última instância, [...] a tarefa de disciplinar as massas. Procurava legitimar-se como expressão da *Vox populi*, mas representavam, de fato, a *Vox domini*”. (CAPELATO, 1988, p. 134), ou seja, o jornal em si representava o desejo de uma elite para a coesão social de um todo, em torno da busca do desenvolvimento cidadão ao longo dos anos.

Esse desejo dos responsáveis pelo *O 5 de Abril* e pela cidade transformasse em discurso oficial local, pois é propagado pelo jornal obtendo ares de real e verdadeiro devido a dois fatores: o primeiro remete a: quem está escrevendo a matéria vivencia o acontecimento por todos os lados e acaba buscando pessoas e cenas para demonstrar sua percepção de mundo, além do que, o seu movimento é de aproximação distanciada, e o seu tempo é

o presente; ele trabalha com o aqui e o agora, e seu texto repercute instantaneamente. (BERGER; MOTA, 2003). O segundo fator é que

caso o jornal enunciasse um discurso completamente avesso ao modo de pensar e à visão de mundo global existentes na sociedade à qual se dirigia, não teria qualquer aceitação e estaria fadado ao fracasso editorial. As mensagens enunciadas por um jornal inserem-se – ou lutam para inserir-se – no imaginário social presente em determinada época. (ESPIG, 1998, p. 276).

Assim se pode compreender que o jornal tem um papel fundamental no processo simbólico da construção da cidade: as notícias relatadas pelo jornal e seu modo de conceber o mundo representam uma realidade condizente com os ideais da cidade e de sua população, caso contrário ele não faria sentido e logo sairia de circulação.

Fundamentados nessa concepção, analisamos 53 edições do jornal *O 5 de Abril* entre maio de 1927 e maio de 1928, compondo um panorama geral dos eventos publicados no primeiro ano do município.

Elencava, dessa forma, quais eram os argumentos que municivavam o cidadão hamburguense em suas questões cotidianas, pois os meios de comunicação, embora não sejam capazes de impor o que pensar em relação a determinado tema, são capazes de, a médio prazo, influenciar no que pensar e falar. Dependendo dos assuntos que venham a ser abordados pelo jornal, o público termina por incluí-los igualmente em suas preocupações. (HOHLFELDT, 1997). Com isso, os elementos aos quais *O 5 de Abril* se reporta sobre a modernidade foram a base que manteve um discurso coeso nas décadas de grande expansão da cidade, pois

o enaltecimento das características industriais é constantemente retomado e, juntamente com a vocação da cidade e seu povo para o trabalho que leva ao progresso, constitui uma construção discursiva que associa crescimento, prestígio e união social. (SCHEMES; MARONEZE; KUHN JUNIOR, 2013, p.39).

Esse enaltecimento ocorre em conformidade com o discurso do trabalho visto como constituinte da identidade local e como fator indispensável ao progresso moderno que a cidade visava a atingir, segundo eventos publicados pelo jornal.

Esses eventos correspondem a elementos constituintes do processo cultural de formação da identidade local, os quais compreendem um processo de criação e manutenção de identidades individuais e coletivas baseadas em

uma ideologia que fornece possíveis respostas cotidianas e ações acerca do que se imagina ser um padrão nas relações com a cidade e com os outros cidadãos. (WOODWARD, 2000).

Dentro dessa concepção, de que o jornal auxilia na concepção e manutenção de elementos identitários baseados numa ideologia moderna, encontramos 38 eventos publicados pelo jornal, nas 53 edições analisadas, que retratam o trabalho como fator essencial ao desenvolvimento do cidadão e da cidade de Novo Hamburgo.

Dessa forma, *O 5 de Abril* torna-se o responsável oficial por propagar argumentos que a população deveria assimilar e reproduzir. Esse ideal fica claro na seguinte passagem:

Por isso nós, filhos desta terra, não devemos arrefecer nunca no sentido de cada vez mais aumentar o que já somos e possuímos, como também inaugurarmos o mais breve possível, outros ramos de industria que ainda aqui não exploramos, para que tornemos nossa villa um verdadeiro empório industrial. [...] Um povo inteligente e trabalhador como o é o desta terra, deve-se auxiliar mutuamente para que possa chegar as grandes finalidades em mira; deve fazer abstracção completa de quaisquer outras preocupações que não sejam aquellas que interessam ao bem comum e ao progresso deste município. [Sic] (*O 5 DE ABRIL*, 8 de julho de 1927, ano 1, n. 10, p. 1).

Nesse evento encontramos o jornal afirmando que o cidadão hamburguense era inteligente e trabalhador e, por isso, deveria abster-se completamente de tudo o que prejudicasse o avanço da cidade rumo ao progresso e através do trabalho. Para que esse processo fosse seguido, *O 5 de Abril* publicava trechos comprados de outros jornais, principalmente da capital gaúcha, como no caso desta passagem comprada do *O jornal*.

Da indústria de couro há produtos tão bons ou melhores que os estrangeiros. Há mesmo várias casas no Rio de Janeiro que retiram os rótulos das bolsas de couro de Novo Hamburgo e as vendem como inglesas... fato verificado. [Sic] (*O 5 DE ABRIL*, 28 de outubro de 1927, ano 1, n. 26, p. 1).

O fruto do trabalho local era propagado como de excelente qualidade em vários locais, o que refletia o argumento de que o trabalho estava dando respostas ótimas e não deveria ser interrompido por nada, pois os produtos coureiro-calçadistas hamburguenses estavam conquistando o mercado e fazendo a cidade ser reconhecida como centro industrial, mesmo tendo poucos meses de vida independente.

Ahi, pois, uma idéa do que vae pela nossa terra. E, conquanto não tenhamos um município grande na sua superfície, os temos, entretanto grande e immenso no seu comercio e nas suas industrias e, assim podemos confiar no nosso futuro que é o mais promissor possível.

Nem outra perspectiva podemos ter, ante o que somos e o que possuímos em nossa querida terra que, graças ao labor de seus filhos, já é conhecida do outro lado do Atlântico como um dos adeantados centros de trabalho do Brasil. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 27 de maio de 1927, ano 1, n. 4, p. 1-2).

Essa esquematização do *O 5 de Abril* ajudava a manter uma coesão discursiva em suas publicações, reforçando possíveis representações para o cotidiano do leitor. Woodward (2000) analisa que a criação dessas representações, baseadas na afirmação de elementos identitários, fez com que o jornal buscasse dar possíveis respostas a questões essenciais da vida do cidadão como: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (WOODWARD, 2000, p. 17); dessa forma, “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares através dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. (WOODWARD, 2000, p. 18). Complementando essa abordagem, Hall afirma que essas representações identitárias acabam determinando o padrão a ser seguido e representado, pois

tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (2000 p. 109).

Percebendo *O 5 de Abril* como criador e propagador de um discurso a ser seguido, podemos analisá-lo como fator determinante na escolha de determinadas representações cidadinas cotidianas, já que “a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição de sujeito particular”. (WOODWARD, 2000, p. 17). Essa abordagem fortalecia incansavelmente a condição do operário moderno como centro do progresso constante da cidade.

O embrião dessa concepção pode ser encontrado na primeira reportagem do jornal:

E de facto, se dentro do grande Estado gaúcho há centros com direito a este favor, Novo Hamburgo merecia, sem dúvida, ser collocada em primeiro plano, pelo seu grande commercio e pelas suas extraordinárias indústrias, conhecidas em todos os recantos do nosso amado Brasil

e, quiçá, além das suas fronteiras. [...] Teremos ainda em mira especial amparar os que trabalham, porque foi com o trabalho que a nossa localidade ascendeu ao ponto, em que actualmente se encontra. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 6 de maio de 1927, ano 1, n. 1, p. 2).

Dessa forma, ele já principia a dar respostas, pois procura deixar claro que Novo Hamburgo tornou-se um município que progride devido àqueles que trabalham, e que esses serão lembrados e defendidos, além do que o jornal utiliza como argumento o potencial da cidade através da força de suas indústrias.

As nossas industrias que sem favor nenhum, figuram em primeiro plano em nosso Estado e que, por longo tempo, honraram S. Leopoldo, elevando-o as culminâncias, formarão a base indestructível onde assentará o futuro e a grandeza do nosso município. O nosso commercio, si bem, não tem a proporção de nossas industrias, é entretanto de real valor, concorrendo também como índice seguro de nossa futura grandeza. Para comprovar o que vimos de dizer é bastante que se note os innumerous estabelecimentos industriaes e commerciaes que possuímos; a nossa vida social; enfim, com referencia a nossa villa, o seu grao de adeantamento, o seu florescimento architectonico, dia a dia enriquecido com a construcção de edificios que honrariam qualquer cidade civilizada. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 27 de maio de 1927, ano 1, n. 4, p. 1-2).

Nesse evento, vemos que ele já constrói e propaga a cidade como adiantada devido ao potencial de sua indústria e de seu comércio, o que demonstra o quanto o trabalho industrial é visto como essencial dentro da perspectiva moderna. Na continuação da mesma matéria, apresentam-se os pilares da indústria local.

Em cortumes, fábrica de calçados e artefactos de couro é em que nossa indústria mais se apresenta, possuímos estabelecimentos que rivalisam com seus congêneres estrangeiros. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 27 de maio de 1927, ano 1, n. 4, p. 1-2).

Pela abordagem dada às reportagens, podemos inferir que os editores do jornal *O 5 de Abril* acreditavam na concepção de modernidade e grandeza baseada no trabalho, visto que a matéria produzida quando Leopoldo Petry foi eleito na primeira eleição municipal assumindo o cargo de Intendente, dizia: “Todos são, como acabamos de ver, homens que se fizeram por si mesmos, que galgaram a posição que hoje se encontram pelos seus esforços

próprios, pelo trabalho honroso e dignificador.” (O 5 DE ABRIL, 3 de junho de 1927, ano 1, n. 5, p. 2). A matéria ainda retratava em fotografia de todos os conselheiros eleitos, além de um perfil básico de suas funções trabalhistas e de sua vida como defensores dos ideais de Novo Hamburgo. Na edição seguinte à posse na Intendência e do Conselho, *O 5 de Abril* divulgou um trecho do discurso proclamado por Leopoldo Petry exaltando o trabalho como parte essencial para o progresso da cidade, além do que, apenas por ele, Novo Hamburgo se tornaria renomada no Brasil.

Certo estou que todos compreendemos o peso da responsabilidade que hoje assumimos; porém trabalhar com harmonia com os olhos fitos unicamente em nosso ideal – a grandeza de Novo Hamburgo, tudo se tornará muito mais fácil, todo o peso mais leve, todo o trabalho mais ameno, todo o esforço mais agradável e poderemos iniciar uma obra em que as futuras gerações não precisarão reformar ou reconstruir, mas em cujas bases poderão elas continuar a erigir o grande monumento do progresso que se chama Novo Hamburgo, hoje villa, amanhã cidade, mas em todo o tempo um centro de trabalho, de atividade de onde irradiará o progresso para todos os recantos de nosso querido Rio Grande do Sul, para todos os pontos de nossa Amada Pátria Brasileira e mesmo muito além de nossas fronteiras. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 10 de junho de 1927, ano 1, n. 6, p. 1).

Ressaltamos, no discurso, que a visão que se tem de Novo Hamburgo é que a cidade certamente avançaria em seu progresso, desde que mantivesse em vista o ideal do trabalho como base do processo. Esse ideal fica claro quando o intendente municipal diz que Novo Hamburgo é um monumento do progresso que “hoje é vila, amanhã cidade, mas em todo o tempo um centro de trabalho”.

Contudo, *O 5 de Abril* não apenas destaca o trabalho digno como um caminho a ser seguido, como também argumenta que a inércia é criminosa e pejorativa, ou seja, ele demarca que quem não trabalha está prejudicando o desenvolvimento de todos na cidade. Nesse ponto, inferimos que o jornal não diz às pessoas como elas devem pensar, porém consegue dizer claramente para o seu leitor sobre o que ele deve pensar. (PUHL; SILVA, 2011). Por isso ele elenca a representação do trabalho como meio favorável ao desenvolvimento e à modernidade local, condenando ações que possam atrapalhar ou ser contrárias a essa concepção, afirmando que tais pessoas ficariam suscetíveis a acontecimentos que as prejudicariam.

Aquelles que se alheiam a esses factos de tamanha significação na vida das collectividades, que se deixam estar estacionados, numa criminoso inércia, como que oppondo um dique a evoluir de todas as manifestações do espírito humano, quer no terreno material, quer no terreno moral e espiritual, passam a si mesmo o mais deplorável attestado de incapacidade, e *ipso facto*, ficam a mercê dos maiores descabros. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 1º de julho de 1927, ano 1, n. 9, p. 1).

O *5 de Abril* argumentava acerca da importância do trabalho para o desenvolvimento da cidade e condenava aqueles que não se alinhavam a essa ideologia, chegando a reafirmar e a moldar antigas concepções, para que seus discursos encontrassem um passado comum, apelando, por isso, à figura do colono fundador do distrito. Essa é uma das formas utilizadas para fundamentar representações e identidades, pois é na busca por antecedentes históricos que se produzem novas representações e novas identidades, além de fundamentar e realçar o sentimento de *pertença* a determinado local. (Woodward, 2000). Esses elementos reafirmados no passado criam um imaginário social próprio de um Estado ou de uma comunidade, que acabam estabelecendo vínculos comuns, transformando, assim, o imaginário local em um cimento social que liga a cidade ao indivíduo através de um sentimento de pertencimento. (MAFFESOLI, 2001). O jornal fundamenta essa abordagem quando evoca o colono como elemento para fundar o progresso da cidade através do trabalho.

Essa leva, de colonos (originários de 1824), que aliada a diversas outras que, paulatinamente, vieram chegando ao nosso Estado e, principalmente a São Leopoldo, constituíram a grande massa que disseminando-se, pouco a pouco, por todo o nosso Estado, formaram povoações, villas, algumas já agora cidades que são, verdadeiras colmeias humanas, onde o trabalho, o progresso, o amor pela coletividade, constituem, por assim dizer, o culto que mais absorve esses espírito fortes, de que são portadores os descendentes dos primitivos desbravadores de nossas matas. [Sic] (O 5 DE ABRIL, 29 de julho de 1927, ano 1, n. 13, p. 1).

Outro exemplo do acima exposto encontra-se na edição n.º 36 publicada em janeiro de 1928:

Diligente, operoso, pacífico, respeitador das nossas leis, obediente aos nossos costumes, o colono germânico se integra na nossa vida, enraizando-se à nossa terra, construindo, produzindo, e sobretudo trabalhando tenazmente e sem cansaços. (Sic) (A inauguração do monumento da colonisação allemã. O 5 DE ABRIL, 6 de janeiro de 1928, ano 1, n. 36, p.1).



Concebendo as visões de Woodward e Maffesoli conjuntamente com a abordagem que *O 5 de Abril* utiliza da figura do colono, ressaltamos que o jornal criou novas representações do cidadão hamburguense trabalhador, descendente de germânicos, fundamentada no ideal do trabalho e do progresso, criando ressonâncias com a realidade presente no jornal onde se reafirma o passado, para, então, visualizar um futuro baseado nesse discurso próprio.

Discurso que envolve modernidade, ordem, vocação para o trabalho e harmonia social. Afirma-se que a cidade é um verdadeiro feixe de forças individuais unidas no projeto coletivo de uma urbe progressista: a construção de um futuro desejado dar-se-ia pela união social em torno do trabalho. ((SCHEMES; MARONEZE; KUHN JUNIOR, 2013, p. 37).

Essa construção de modernidade e trabalho dá-se por meio do jornal e dos representantes dele, que sempre estiveram à frente dos processos e dos discursos locais, como foi na criação do município, pois eram integrantes de uma classe industrial que dependia dessa coesão em torno do trabalho e do progresso, que condenava qualquer acontecimento ou ação que ameaçasse essa idéia-base, “daí por que serem as tensões trabalhistas silenciadas e as classes apresentadas como complementares; greves não fazem parte dessa história”. (SCHEMES; MARONEZE; KUHN JÚNIOR, 2013, p. 37). O jornal transmitia o dever de trabalhar e o progresso vistos como fatores modernos, que seriam os únicos que a cidade deveria seguir para atingir o *status* de moderna.

## Considerações finais

O progresso e o trabalho foram categorias centrais nos primeiros anos do periódico *O 5 de Abril*. Reportagens, crônicas e editoriais reafirmavam, constantemente, que a harmonia social e a vocação ao trabalho assegurariam o progresso da cidade. Dessa forma, o veículo parece assumir a “missão” de retificar algumas tradições, bem como de selecionar informações que fundamentassem imaginários ligados à modernidade e ao progresso. Para tanto, essa *nova* cidade precisaria estar de acordo com alguns códigos de conduta, modelos informados pelo veículo a partir de exemplos metropolitanos nacionais e internacionais consagrados. A certeza declarada de que o caminho da modernidade estava sendo seguido por Novo Hamburgo foi um fator aglutinador. O periódico trabalha, assim, em torno de um futuro prometido, em torno de uma mitologia moderna que visa a amortecer as tensões e garantir o *bem comum*.

Esses argumentos possuíam duas bases: *trabalho* e *progresso*. Na análise realizada, o trabalho foi afirmado e reafirmado constantemente, demonstrando, dessa forma, a centralidade que detinha no discurso dos responsáveis pela concepção do jornal e pela administração da cidade. Devido a isso, a ação de trabalhar era propagada como inerente ao cidadão hamburguense, desde a colonização até a consolidação da cidade no cenário industrial regional.

Conquanto o fator do progresso era publicado como resposta básica e justificativa para o trabalho, pois no discurso difundido pelo jornal, um dependia do outro, e a cidade só se manteria progredindo e se tornando moderna através do trabalho digno. Dessa forma, o progresso e seus benefícios eram afirmados como resultado do trabalho e deveriam ser a motivação local para o contínuo crescimento da cidade, bem como para sua afirmação identitária.

O trabalho e o progresso constituíram o *cimento social* constantemente publicado pelo jornal *O 5 de Abril* em Novo Hamburgo. Esses dois elementos foram os responsáveis por manter a coesão entre o idealizado pelo jornal e o imaginário local, ou seja, o progresso como resultado do trabalho foi o discurso idealizado por uma elite local composta por políticos, empresários e funcionários públicos; discurso esse que encontrou eco na realidade do indivíduo comum da cidade, proporcionando respostas de caráter existencial e fundamental para a vida, fazendo com que o discurso fosse parte da realidade e a realidade, parte do discurso, ou seja, compunha o imaginário sempre reafirmado pelo periódico.

Dessa forma, o jornal criou argumentos e imagens para os cidadãos, mostrando o que precisava ser feito para que a cidade crescesse e se tornasse uma referência de modernidade para a região, indicando, já em seu primeiro ano de existência, qual seria seu papel no imaginário daquela comunidade. Essa postura foi mantida nos mais de trinta anos de atuação, fato que demonstra a importância da fonte jornalística para, estudos da história urbana.

## Referências

103º ANIVERSARIO da colonização alemã. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 29 de julho de 1927.

A INAUGURAÇÃO do monumento da colonização alemã. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 6 de janeiro de 1928.

A POSSE da primeira administração. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 10 de junho de 1927.

AS NOSSAS FORÇAS sociaes, commerciaes e industriaes. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 27 de maio de 1927.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGER, Christa; MOTTA, Luis Gonzaga. Narrativas jornalísticas: a história de Lula contada pelos jornais espanhóis. *FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*. Porto Alegre, p. 90-109, 2003.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRAGANÇA, Maria Alice; RIBEIRO, Neusa. História do jornalismo em Novo Hamburgo: apontamentos iniciais. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALCAR, 2, 2004. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/gtjornalismo2.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

CAPELATO, Maria Helena. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1988.

CONSIDERAÇÕES oportunas. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 1º de julho de 1927.

COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (Org.). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso ou o progresso como ideologia*. São Paulo: Edunesp, 2006.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Revista Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XXIV, n. 2, p. 26-40, 1998.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOHLFELDT, Antônio. Agenda Setting e os estudos sobre hipótese de agendamento. *FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*. Porto Alegre: Edipuc, n.7, p. 42-51, 1997.

KONRATH, Gabriela Michel. *O município de Novo Hamburgo e Campanha de Nacionalização do Estado Novo no Rio Grande do Sul*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2009.

LUCA, Tania Regina de. *Indústria e trabalho na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

NOSSO Jornal. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 6 de maio de 1927.

O NOSSO PRIMEIRO governo. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 3 de junho de 1927.

O QUE DEVEMOS fazer. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, 8 de julho de 1927.

O TELEGRAMA. *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 5 de abril de 2005.

OS LÍDERES da emancipação. *Jornal NH*, Novo Hamburgo, 5 de abril de 2002.

PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo*. Porto Alegre: A Nação, 1944.

PRODANOV, Cleber Cristiano; PUHL, Paula Regina; KERBER, Alessander. O caso do jornal “O 5 de Abril” em Novo Hamburgo. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2007, p. 14.

PUHL, Paula Regina; SILVA, Cristina Ennes da. O que vai pelos cinemas: a crítica cinematográfica e a construção das identidades. *FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia*. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 41-54, 2011.

SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)*. 2006. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 2006.

SCHEMES, Claudia; MARONEZE, Luiz Antonio Gloger; KUHN JÚNIOR, Norberto. Imaginário e relações de trabalho no jornal *O 5 de Abril*: o discurso da cidade industrial harmônica na Novo Hamburgo dos anos 1920 e 1930. *Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 36-47, 2013.

SCHEMES, Claudia et al. *Memória do setor coureiro-calçadista: pioneiros e empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Ed. da Feevale, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. O imaginário é uma realidade. Entrevista com Michel Maffesoli [20 mar. 2001]. *FAMECOS*, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

VIEIRA, Liszt. Teoria social e modernidade. Resenha. *Revista Política e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 207-212, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/4940/4298>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *História do século XX*. 3. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 12-68.

